



Digitized by the Internet Archive  
in 2018 with funding from  
Princeton Theological Seminary Library

# Revista Internacional do Espiritismo

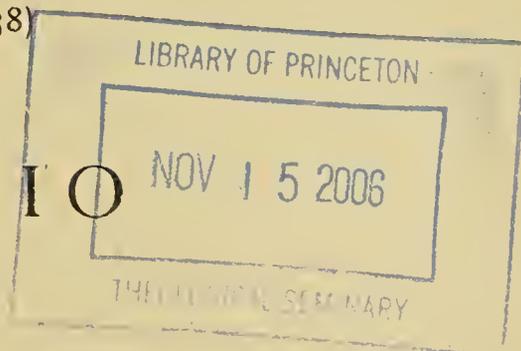
LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :  
CAIRBAR SCHUTEL

(De 1925 a 1938)

## SUMÁRIO



João Leão Pitta . . . . .	<i>Redação</i>
O Erro . . . . .	<i>Henrique Rodrigues</i>
Sôbre o Esperanto . . . . .	<i>Ismael Gomes Braga</i>
Os Astros não regem nossos pensamentos . . . . .	<i>V. O. Casella</i>
O Judeu, sua História, sua Missão .	<i>Bianor Medeiros</i>
Memórias de um Espírita Baiano .	<i>Leopoldo Machado</i>
Uso do termo Ionização na Fenomenologia Espírita . . . . .	<i>Cicero Pimentel</i>
Salutar Movimento Espírita na Argentina . . . . .	<i>Arnaldo S. Thiago</i>
E, a Criança Nasceu !... . . . .	<i>General Levino C. Wischral</i>
Livros e Autores . . . . .	<i>Leopoldo Machado</i>
Crônica Estrangeira . . . . .	<i>Redação</i>
Espiritismo no Brasil . . . . .	<i>Redação</i>



# Um Verdadeiro Tesouro

---

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.\$ 45,00 e mais três cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

## Médiuns e Mediunidades

---

Avisamos aos interessados, que já sahiu do prélo e está à venda, nova edição deste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em todas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinamentos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr\$ 20,00 e mais 3 cruzeiros para o porte e registro.

## O Espírito do Cristianismo

---

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitui o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço : Cr.\$ 75,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

# Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* ✕ REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

## ➤ João Leão Pitta ➤

**D**ESINCARNOU no dia 11 do mês passado, às 2 horas da madrugada, em Piracicaba, o nosso velho amigo e companheiro de trabalho, João Leão Pitta, um dos mais esforçados e ardorosos propagandistas da Doutrina espírita.

Há mais de cinco anos que João Leão Pitta andava enfermo, depois de haver se submetido a delicada operação, nunca mais voltando a trabalhar como nosso representante-viajante. Apesar de enfêrmo, era levado pelos confrades afim de realizar palestras em Centros Espíritas, e o fazia com grande alegria. A sua palavra, clara e penetrante, a todos agradava pela certeza dos conceitos e dos seus argumentos irretorquíveis. Não era estudado, não frequentou curso superior, tinha apenas o curso primário, mas pelo seu esforço e boa vontade, a par da leitura que fazia dos livros que caissem em suas mãos, tinha conhecimentos quasi que gerais de todas as cou-

ras. Cheio de experiência, que lhe deram os seus 82 anos de existência, com relativa facilidade resolvia os problemas difíceis, amparado pelos grandes conhecimentos que tinha da Doutrina. Espírito comunicativo, atencioso e amável, gozava de geral estima em todos os meios de suas relações. Os confrades o prendiam por mais dias em seus lares afim de ouvir-lhe a palavra evangélica à luz dos postulados espíritas. Era disputado, e isto lhe enchia a alma de alegria e conforto.

De 1930 a 1951 Pitta trabalhou para a obra de Cairbar Schutel sem interrupção. Quando vinha a Matão, organizava o seu itinerário e as listas dos assinantes e logo se punha em marcha. Se demorava uns poucos dias a mais para descanso, dizia êle dirigindo-se a si mesmo: «Pitta, Pitta, estás demorando demais e tens muito que fazer». E lá se ia o querido Pitta com a sua longa, cheia e sedosa barba pra-

teada a balouçar, rumo ao trabalho da seára de Jesus, agora cultivada pelo Espiritismo.

Para servir à Doutrina Pitta não sentia canseiras e nem contava com obstáculos, removendo-os com a sua boa vontade no trabalho. De Minas Gerais ao Rio Grande do Sul o seu serviço de propaganda foi notável. De carroça, de caminhão, a cavalo, dormindo em esteiras, algumas vezes com fome, Pitta tudo venciam para levar a sua palavra cheia de fé aos humildes e pequeninos. Correu o sertão rompendo o matalgal da ignorância para levar a luz da Verdade. Sem a menor dúvida, Pitta foi um dos trabalhadores que contribuíram apreciavelmente para o avanço notável do Espiritismo, ficando um claro bem visível na fileira espírita com o seu desincarne.

Pitta realizou cêrca de 4.000 conferências aproximadamente, o que constitue um alto testemunho do seu

gigantesco trabalho na propaganda da Doutrina.

Agora na Pátria Espiritual, ao lado dos seus companheiros, Pitta há de estar alegre e satisfeito. E ele sempre nos dizia que o seu maior desejo era ter Cairbar Schutel como seu patrão no mundo espiritual, que não desejava outro patrão, tal a estima que tinha por Cairbar. Agora está satisfeito o seu desejo.

Embora enfêrmo, Pitta procurava algo para fazer. Não podia andar como de primeiro, mas podia escrever. E passou a publicar artigos em «O Clarim», artigos bem fundamentados no Evangelho e na Doutrina, que a todos agradavam.

Em «O Clarim» de 23/2/57 que noticiou o seu passamento, aparece um artigo dele, e há outros para serem publicados, pois de vez em quando ele nos enviava 5 ou 6 artigos de uma só vez. Procurava, de qualquer forma, beneficiar a Doutrina com o seu trabalho sempre honesto, produtivo e oportuno.

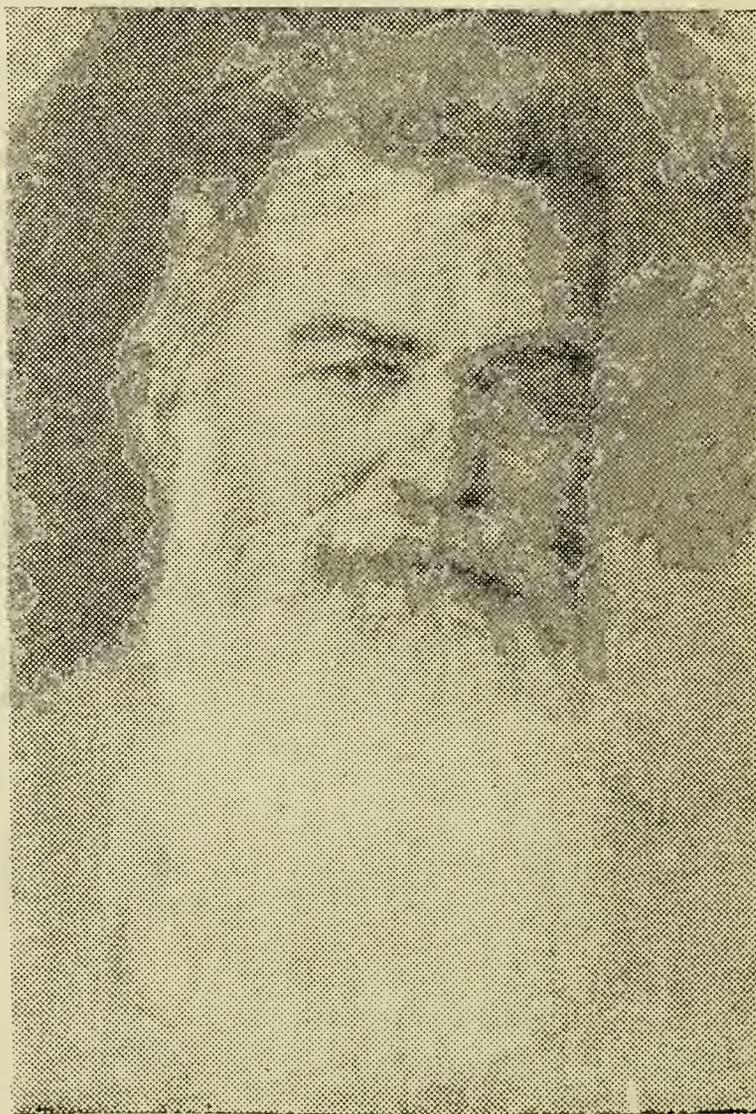
Pitta, além do seu grande amor pela Doutrina, tinha o amor do próximo em sua mais alta expressão. Era um verdadeiro cristão. Por onde passava semeava o Bem, amparando com o pequeno provento de sua bolsa, inúmeras criaturas. Não podia ver o seu semelhante passar necessidades, isto lhe apertava o coração. Abria logo a sua bolsa com grande alegria. Era amigo das crianças que, ao vê-lo, logo diziam: «Lá vem o Papai Noel», e se acercavam dêle com carinho e contentamento, a cofiar-lhe a barba prateada.

Seguiu os preceitos de Jesus tanto quanto lhe foi possível. Pela Doutrina de

Jesus deixou tudo: família, bens terrenos, enfim, o que lhe servisse de obstáculo no trabalho da seâra, tornando-se, portanto, digno de Jesus, quando disse: «Aquele que não deixar pai, mãe e irmão e não me seguir, não é digno de mim».

Deixa viuva D. Maria Joaquina dos Reis Pitta e

Martins, Cirurgião dentista; Urubatão, Professor, casado com a Prof.<sup>a</sup> D. Nair Azzi Pitta; Benvinda, viuva de Pedro Ferreira da Silva; Maria Emilia, casada com o Sr. Agripino de Freitas Robert; Zoraide, Professora, casada com o Sr. Benedito Vitorino da Silva; Eugenia, Diretora do G. E.



João Leão Pitta

os seguintes filhos: João de Deus Pitta, farmacêutico, casado com D. Herminia da Eiras Pitta; Dra. Doralice H. P. Meneghel, cirurgiã-dentista, casada com o Sr. Pedro Meneghel, proprietário da Usina Tamandupá, em Recreio; Mathilde Adelaide Pitta Martins, Professora, casada com o Dr. Zacarias Othoniel

«Benedito Calixto», em Itanhaem, casada com o Sr. Kardec Rangel Veloso, espirita incansável e criador de obras de caridade; e Missiota Pitta, Professora, casada com o Sr. Nazareth da Silva Marinho.

Deixou ainda 29 netos e 9 bisnetos.

O seu sepultamento realizou-se no mesmo dia, às

16 horas, saindo o féretro da residência de seu genro Pedro Meneguel, à rua 13 de Maio, 654, para o Cemitério da Saudade.

A beira da sepultura usaram da palavra os confrades Dr. Walter Accorsi, Prof. Urubatão Pitta, e João Eudoxio da Silva, que representou «O Clarim», e «Revista Internacional do Espiritismo».

— Ao recebermos o telefonema nos comunicando o passamento de João Leão

Pitta, a nossa companheira D. Antoninha tomou a primeira condução e rumou para Piracicaba, não chegando porém a tempo de alcançar o enterramento do corpo do velho amigo e companheiro, devido a contratempos surgidos na condução. D. Antoninha representou o Centro Espírita «Amantes da Pobreza», a Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» e os espíritas de Matão.

—

Pitta, amigo e companheiro, nós te desejamos feliz permanência no reino de Deus; que possas ver frente a frente, Aquele que foi e é o dono do teu coração, Jesus, o nosso Mestre. E se possível, Pitta, ajuda os companheiros que aqui ficam à espera também da Grande Partida. Eles aguardam os fluidos vivificadores do teu espírito de escól, nas horas difíceis da vida terrena.

Até breve.

# O ÊRRO

Henrique Rodrigues

## II

Para estabelecer proporções ainda maiores entre um homem e um átomo, poderíamos dizer que os limites do EU, não estão circunscritos ao físico, porque sabemos que pensamento, vontade, paixões, amor, sonho, são prolongamentos de nossa personalidade, em substância mais rarefeita, mas nem por isso menos positiva. Diante portanto de um ser envolto em carne, a minúscula bactéria ou o micro-átomo, acha-se na mesma proporção infinitesimal do homem frente ao universo.

Continuemos com o exemplo, repetindo o que já dissemos em outro trabalho, êste ensinamento da Grande Síntese que nos mostra que «se o sistema corresponde e vale para o que nós vemos, valerá e corresponderá também para o que não vemos». Em nossa organização somática, incontável número de atividades são executadas por variadíssimas espécies de vida. Umas construindo outras destruindo. Estas últimas, estarão em êrro? por essa condição, podem ser julgadas como não parcelas desse mesmo organismo? A analogia com as ações dos homens no organismo divino, é idêntica. Bactérias existem cujo extermínio produziram em nosso corpo um desequilíbrio tão grande que poderia mesmo determinar o aniquilamento dêste. O físico perfeito não é aquele que tem

apenas atividades das que costumamos considerar meritórias. Não é apenas construindo que se consegue harmonia dos meios, mas destruindo também em forma proporcional. No ambiente que nos cerca, vermes, insetos, felinos e outras espécies existem cuja utilidade, cuja nota no concêrto divino é ignorada pela maioria, e que por essa única razão estabeleceu para ela a denominação de daninhas ou nocivas. Entretanto, tudo cumpre sua missão, porquanto tudo aquilo que deixar de ser necessário desaparecerá, no instante mesmo em que sua utilidade seja cancelada.

Como é possível pois, aceitarmos a idéia da falência divina, porque nós, manifestações que somos do Supremo Criador, cometemos atos, proferimos palavras e arquitetamos pensamentos que APARENTEMENTE são contrários ao que nós, no estado evolutivo em que estamos, estipulamos como leis e desígnios do Supremo?

Constâncio Vigil, em seu livro «ELERIAL», traduzido para o português com o nome de «Terra Virgem», por Eduardo Tourinho, diz o seguinte, mostrando a íntima relação que existe entre todos os fenômenos da vida: —

«No universo não existem as essenciais diferenças que o homem vê. Entre o oceano e uma lágrima, entre a mo-

lécua e o nosso sistema planetário, a única diferença é de volume. Um inseto em muito se parece com um homem. Uma colmeia se assemelha a uma nação. A terra é um animal que rôla no espaço. Um dia é a imagem da vida e o sono da crisálida é semelhante ao sono da morte».

No encadeamento dos fatos, está a grande lição contida no livro da vida. O homem, no ponto da escalada sublime em que está, acha-se ainda muito próximo da animalidade. De evangelho, como diz sãbiamente meu caro amigo Newton Boechat «só sente o cheiro» que lhe vem do alto. O seu todo, ainda está chafurdado na lama dos níveis de vida mais baixos. Talvez esteja agora na superfície do lodo e seus pés ainda tocam ocasionalmente as espécies irracionais. Não que o lodo seja degradante, absolutamente, porque êle também é vida, em forma mais baixa ainda, servindo de sustento e escola para vidas mais altas. Se mostrarmos a proximidade em que o chamado homem racional está do irracional, isto é apenas para justificar os atos que aqueles praticam, e que são comuns apenas no nível subseqüentemente inferior. E' o ranço do passado, é o automatismo de milênios, moribundo embora, mas que ainda se faz ouvir e sentir.

Os desvirtuamentos, as aberrações, os desregramentos morais e espirituais, mais confirmam o que dizemos, pois testemunham que a razão é campo novo para a espécie e que a par de instintos atávicos, cria nova série de fenômenos, compatíveis com o período de transição. Alguns pesquisadores, eminentemente dignos de crédito, esclarecem que o homem civilizado lida com a razão há pouco mais de 40.000 anos. Se êsse tempo pode parecer demasiadamente longo para a transposição da vida instintiva à vida racional-analítica, lembrarei que em relação à eternidade, 40.000 anos passam com a rapidez de uma fração de segundo, na nossa forma de medir o tempo. A grande maioria dos chamados racionais, NÃO SABE E NÃO PODE fazer bom uso da razão, por não estar de posse de tôda ela. E' comum sonharmos com a intuição, essa maravilhosa faculdade de pesquisa, e que na escala evolutiva é o prolongamento da razão,

mas longo caminho ainda teremos de percorrer, antes que nos possamos considerar senhores de tal desenvolvimento.

No estado em que nos encontramos, ainda é o determinismo a principal móla de nosso aprimoramento. Se como diz a «Grande Síntese» nas espécies inferiores o determinismo é mais férreo na forma, e em grande parte êste é o caso do homem civilizado, no terreno das consequências provenientes dos atos é mais liberal. Uma fêra pode a seu bel-prazer devorar quantas crianças lhe seja possível, sem que sua organização dinâmica ou perispirítica sofra qualquer consequência do ato praticado. Possui portanto um livre arbítrio ou melhor uma liberdade, que o racional não possui, nem pode possuir. Em esferas mais elevadas, os papéis invertem-se, porquanto se a forma é livre para a individualidade, está êle preso, pelo conhecimento, ao determinismo das leis evolutivas. E' o determinismo, sobrepondo-se ao livre arbítrio pessoal, pois como diz Emmanuel, «em esferas mais altas o determinismo adquire características mais sutis». Determinismo e livre arbítrio, coexistem e coexistirão sempre, no tempo e no espaço. O que existe aí, é uma evolução do próprio determinismo, ganhando níveis que escapam completamente a nossa capacidade de imaginação. Endosso, pois, a opinião de meu caro amigo Prof. Rubens Romanelli, quando diz que Deus é «Determinismo puro», sem qualquer parcela de livre arbítrio. Criar para Deus é a sua condição única, e evoluir, a única condição determinada ao criado.

Vimos expondo o gráu evolutivo do homem, seu ponto de situação, cabendo-nos agora estudar os fenômenos peculiares a êsse ponto ou plano: — Assim como nos recusamos a aceitar a existência dos chamados milagres, pois sabemos que tudo obedece a uma seqüência de leis, recusamo-nos também a aceitar a falência da individualidade do espírito humano tal como é comumente concebida. Necessário se torna, mudarmos o conceito do êrro, e situá-lo em sua verdadeira posição. A rigor, e repetimos, da maneira como se interpreta o êrro, o homem não erra, não péca, como habitualmente se aceita. Executa apenas atos condizentes com o seu nível evolutivo, nível êsse que é pródigo em antagonismos da mais variada condição.

Neste, como em outros planos, as manifestações da vida caracterizam-se pelo seu aspecto duplo em si mesmas. O mal opõe-se ao bem, a noite ao dia, o pequeno ao grande, o calor ao frio, o amôr ao ódio e o belo ao feio. Entretanto, essa manifestação fenomênica, é relativa em sua forma e isto se dá, exclusivamente no «flash» momentâneo do instante que passa, pois que no absoluto da eternidade todo o fenômeno é uno, fundindo-se seu princípio e seu fim, e desaparecendo destarte a feição de extremidades, que nos dão a ilusão da existência de antagonismos. Para o momento que passa, concordamos que o mínimo bem será mal, caso o modelo comparativo seja o máximo bem, da mesma forma que o mínimo mal será bem, se em oposição existir o máximo mal. O zero gráu de temperatura será frio para um gráu acima, mas será calor para um gráu abaixo. A indiferença será elogiosa e preferível ao ódio, mas é passível de desprezo diante do amôr. Na realidade da relatividade das fôrmas, está o único absoluto que no momento possuímos. Discorriamos entretanto sôbre a paridade da apresentação dos fenômenos e sua existência no presente relativo.

Uma ponderada instrução diz que: — «todo o nosso esforço nada cria nem desloca, a não ser a nossa própria posição». Que conceito poderemos subtrair dessa «própria posição?» Qual será essa posição, e porque só poderá ser deslocada por nosso particular esforço? Deslocada para quê e para onde? Que representará a nossa posição?

Pelo simples fato do deslocamento de nossa posição, podemos concluir ser essa posição algo relativa, porquanto o absoluto é imutável. Também nossas vidas físicas são relativas, e representam também uma imagem, dentro da infinidade de formas que já tivemos e que ainda teremos. No dia em que tivermos capacidade de deslocar objetos sem o uso dos braços, ou nos deslocarmos sem o uso das pernas, mas tão sómente utilizando fôrças ainda ignotas para nós, claro está que pela atrofia da falta de uso, a tendência será para o desaparecimento desses membros. Ganharemos outra forma, em outra substância também, nitidamente mais leve. Outro tanto sucederá com os órgãos digestivos, e

com a modificação do sistema de entendimento entre os sêres, desaparecerá o uso da palavra articulada e, consequentemente, dos aparelhos vocal e auditivo. Se fizermos uma comparação entre os primitivos trogloditas e o homem atual, veremos que em muito foi modificada a aparência do ser humano na carne, para não dizermos que a principal modificação foi em substância, pois isto é mais patente ainda. Se em nós, no momento atual, existem o mal e o bem, claro está que existe um ponto de equivalência entre ambos, muito embora nunca exista um perfeito equilíbrio entre os extremos. Esboçamos também que o que ontem era bem; hoje é mal; logo, o centro de ontem deslocou-se e, em pouco, estará situado no ponto em que estava o bem de ontem, ficando o mal daquela ocasião, sôbre o ponto de equivalência de mal versus bem da situação pretérita. Nossa posição é portanto a média dos extremos que possamos atingir, nos caminhos superiores do bem, ou no caminho retrôgado do mal. Uma ação respeitável hoje, poderá ser deprimente amanhã.

Citarei o exemplo da fechadura. Hoje, é comum, normal, criteriosa, a precaução que nos ensina a colocar nas portas, gavetas e outros recantos, um obstáculo somente removível por nós. Entretanto, em comunidade evoluida, onde cada individualidade tenha a exata noção de seus direitos e principalmente de seus deveres, tal atitude será acintosa e levará o cunho, não do descrédito alheio, mas da mesquinhez e do atraso de quem a praticar. Em tal comunidade tudo e todos serão respeitados, e um simples risco com um giz, terá o valor de uma insuperável barreira.

Vemos portanto a relatividade do conceito do bem e do mal. Em tal situação, o homem amadurecido espiritualmente, orientará o seu livre arbítrio, no sentido das leis evolutivas, submetendo-se espontâneamente esta sua faculdade ao determinismo que governa todos os fenômenos. Não será isso uma demonstração de subserviência, mas de inteligência, porquanto todo o ser medianamente esclarecido sabe prestar obediência à inteligência superior, diretora única da vida.

(Continua).

# Sôbre o Esperanto

ISMAEL GO-  
MES BRAGA

Pelas acolhedoras colunas desta revista já nos temos referido a um livro ímpar, cuja primeira edição de 5.000 exemplares esgotou-se rapidamente, o volume «*Memórias de um Suicida*», recebido pela médium Yvonne A. Pereira.

Soubemos que já foi fundado um núcleo espírita com a finalidade especial de estudar a obra e de auxiliar com suas preces às vítimas do suicídio, mas não temos pormenores sôbre essa fundação e vamos tratar aqui de outro fato ligado àquela revelação.

Em Belo Horizonte, na séde e sob os auspícios da União Espírita Mineira, foi fundado em 14 de Dezembro de 1956 um grupo de espíritas esperantistas, cujos estatutos foram discutidos e aprovados naquela data e que tem por finalidade estudar e divulgar os princípios simbolizados no triângulo Evangelho, Espiritismo, Esperanto, trabalhando em escala mundial.

A' sessão de instalação dessa nova sociedade, compareceu a médium Yvonne A. Pereira, leu o capítulo do livro sôbre a organização do ensino do Esperanto no mundo espiritual, e deu muitos esclarecimentos ao auditório sôbre o planejamento no mundo espiritual dos movimentos de progresso que se têm de realizar sôbre a Terra. Um dêsses grandes passos do progresso, traçado no Além Túmulo e superentendido em sua execução pelos Dirigentes da Humanidade terrestre, é a implantação do Esperanto no uso geral, neste futuro próximo. Os Espíritos encarregados dessa grande transformação contam-se por milhões e já se reencarnam com um curso superior de Esperanto, realizado e depositado nos refolhos do cérebro perispiritual, para desábrochar em forma de ciência infusa, de nítida intuição, logo que entrem em contacto com o idioma aqui na face da Terra.

Toda essa leitura e os comentários correspondentes foram ouvidos não só por espíritas, mas igualmente por pessoas que nada sabiam de Espiritismo e que tomaram parte na reunião, apenas como esperantistas.

A sessão foi presidida pelo nosso irmão Badi Elias Curi, presidente da União

Espírita Mineira, e a mesa da presidência estava assim formada: Misael Alves Mendes, que redigiu a ata da fundação; Juiz Dr. Carlos de Rezende (não espírita), presidente da Sociedade Mineira de Esperanto; Yvonne A. Pereira; Badi Elias Curi; Allan Kardec Afonso Costa, que será o diretor do ensino na nova sociedade; Dr. Ademar Dias Duarte, presidente do Conselho da U. E. M. e redator do «Espírita Mineiro»; D. Maria Filomena Aluto Beruto, presidente da Congregação Feminina Casa de Betânia, que fez as preces de início e encerramento da sessão.

Na mesma sessão ficou eleita a primeira diretoria para o biênio de 1957/58. E' formada de brilhantes jovens espíritas esperantistas, cujos nomes são: Arnon Lopes Moreno — presidente; Wilson Barbosa Tamarindo — secretário; Maria Enide Oliveira Gonçalves — tesoureira. Conselho Fiscal: Dr. Dilermando Teixeira, Yvonne A. Pereira, Misael Alves Mendes. Suplentes: Josefina Schembri, Gentil Capuano, Waldemar Dourado. Diretor do Departamento de Ensino — Allan Kardec Afonso Costa.

Aos leigos em Espiritismo que assistiram à sessão, há de ter parecido muito estranho o que ouviram sôbre a Direção Espiritual do movimento esperantista.

Essa realização foi uma das solenidades da Semana de Zamenhof de 1956. Outras não menos dignas de nota foram as duas seguintes: fundou-se no Rio de Janeiro, em 8-12-56, a União Brasileira dos Esperantistas Cegos; em 15-12-56, inaugurou-se em séde própria recém-construída, à avenida 13 de Maio, 47, a Livraria Esperanto, da Cooperativa Cultural dos Esperantistas. Na Semana de Zamenhof do ano anterior, a mesma Cooperativa inaugurou suas oficinas gráficas completas.

\* \* \*

Todo o espírita esclarecido sabe que os grandes movimentos destinados a transformar a vida na superfície do nosso planeta são planejados e superentendidos em sua execução por Espíritos de Altas Esferas. No momento oportuno êsses Altos Dirigentes, executores dos desígnios de Deus, enviam em missão à Terra um en-

carregado de pôr em funcionamento uma «máquina» já planejada e experimentada no Plano Espiritual.

No caso particular do Esperanto, desceu Lázaro Luiz Zamenhof, que viveu entre nós de 15 de Dezembro de 1859 até 14 de Abril de 1917. Com êle e depois dêle vieram e virão muitos auxiliares, seus colaboradores, para completar-lhe a obra.

Já tem sido repetidamente revelado

que nesta grande transformação que se está processando, terão que dominar o Evangelho, o Espiritismo e o Esperanto. O livre arbítrio humano pode dificultar, retardar um pouco o progresso, mas não pode impedir-lhe o triunfo final, porque os conservadores pertinazes, inimigos do progresso, terão que ir sendo substituídos na superfície da Terra por outros espíritos mais dóceis aos ao Plano Divino da Evolução

## Os Astros não regem nossos Pensamentos

V. O. CASELLA



**F**ROSSEGUINDO na nossa campanha de esclarecimentos sobre as supostas predições astrológicas, cuidaremos hoje do Sol, essa estrêla côr de ouro, 1.300.000 vezes maior que a Terra, e situada a quase 150.000.000 de km distante de nós.

Todos sabemos que os astros se atraem reciprocamente, mantendo o equilíbrio da mecânica celeste. Assim, a Terra gravitando ao redor do Sol, recebe dêste luz e calor, como também outras formas de energias que se revelam pelos seus acentuados efeitos sobre a crosta planetária.

Mas, como das outras vezes, queremos demonstrar que essas ações do Sol não têm a mínima relação com as propaladas influências astrológicas. Os astros não tem poderes sobrenaturais, para regerem nossos pensamentos, governando nossos negócios, amizades etc., cujos conceitos os supostos adivinhos julgam predizer nos seus horóscopos.

O Sol, essa poderosa fornalha atômica, com uma temperatura de 6.000 graus na sua superfície, atingindo mais de 20 milhões de graus no seu núcleo, apresenta certos fenômenos na sua fotosfera, os quais vem merecendo acurada atenção dos pesquisadores. Tratam-se de certas manchas escuras, geomêtricamente irregulares, variáveis, flutuando naquelas camadas gasosas superficiais, aumentando e diminuindo sua intensidade em ciclos de 11 anos, mas não fixos. O obscurecimento dessas manchas é apenas em relação ao potente brilho da fo-

toesfera solar, pois elas são mais fulgurantes que a mais forte luz artificial conseguida pelo Homem.

Quanto a verdadeira natureza desses fenômenos é assunto que ainda não está devidamente esclarecido, motivando o surgimento de várias teorias. Contudo, convém não pensarmos que a ciência nada tenha conseguido nesse terreno, e que tudo esteja por fazer. As pesquisas prosseguem, e muita coisa já se revelou sobre o comportamento dessas máculas.

Mas apesar da delicadeza dêsse assunto, nós tentaremos, de acôrdo com as nossas possibilidades, dar aos nossos leitores uma idéia sobre êsses fenômenos, empregando termos figurativos e acessíveis, mas sempre baseados nas verdades.

Inicialmente deveremos saber que os átomos da massa solar, pela perda de elétrons (partículas de eletricidade negativa), perderam suas características neutras pelo desequilíbrio de cargas, tornando-se ionizados. Nestas condições, as manchas solares, revelando movimentos turbilhonantes, geram fortes campos magnéticos, cujo poderio se faz sentir na nossa superfície planetária.

Assim, essas máculas, como verdadeiros canhões do Sol, arremessam pelo espaço enormes potenciais de cargas eletromagnéticas, bombardeando qualquer corpo celeste que penetre na trajetória de suas linhas de fôrças. Essas manchas, algumas gigantescas, ou menores mas em grupos, bombardeiam a Terra, quando esta coincide cair no seu campo de tiro, estando o nosso planeta mais

sujeito a essas ações, nos períodos máximos daqueles ciclos.

Por êsse motivo, há ocasiões em que na superfície terrestre surgem certos fenômenos, cujas causas não são constatadas nos locais, mas que coincidem com a pontaria daquelas tremendas bocas, arremessando poderosas forças eletromagnéticas pelo espaço.

Foi assim que em 24 de Fevereiro, do ano passado, foi dado alarme sôbre o desaparecimento do submarino britânico, «Acheron». Este, em treinamento de manobras, embora tivesse emitido os sinais convencionados no seu tempo exato, estas emissões não foram recebidas por algumas horas, pelos vários postos receptores, sem explicações que acusassem causas locais justificáveis. Essa falha, com plausíveis razões, foi atribuída a manchas solares, que nessa ocasião, anotadas pelo Observatório Greenwich, estariam causando tempestades magnéticas, perturbando sensíveis aparelhos emissores e receptores, motivando a perda de contato com aquela unidade naval, por algumas horas.

Citando outro caso, lembremos que o inquérito sôbre o choque dos transatlânticos «Andrea Dória» e o «Stockoln», em fins de julho do último ano, em águas norte-americanas, não esclareceu devidamente a causa do sinistro. Nessa ocasião, Ganini Belli, meteorologista italiano, acusou no meridiano central do Sol, singular grupo de manchas, bombardeando a Terra, com forças eletromagnéticas. Assim, esta possibilidade não foi excluída como possível causa daquele choque, pela perturbação dos aparelhos de radar de ambos os barcos.

Ora, diante disso, não esqueçamos que a constituição física do Homem também é uma sensível máquina sujeita às ações incidentes naturais exteriores. Co-

mo nem todos os seres humanos apresentam a mesma resistência e equilíbrio na sua natureza orgânica, nos indivíduos mais sensíveis podem eclodir certas predisposições latentes nas ocasiões intensas desses bombardeios e eletromagnéticos das manchas solares. Mas essas ações são na ordem biológica e não mental como julgam erroneamente os astrólogos. Assim, não só o reino animal, mas o vegetal e outros fenômenos da superfície planetária estão sujeitos a essas ações, conforme acusam algumas observações e estatísticas.

E o interessante é sabermos que se esses adivinhos sabem alguma coisa sôbre os astros, são pelos informes dos astrônomos. Estes divulgam as verdades, e aqueles, com êstes informes, elaboram seus horóscopos com aparência de predições científicas.

Como vemos, os astros não são entidades com vontades boas ou más, com plena consciência dessas ações, das suas diversas formas de energias. E nestes assuntos deveremos sempre consultar a Astronomia, e não a Astrologia. Da mesma forma em que a Alquimia cedeu lugar para a Química, também a Astrologia já passou o seu tempo e, hoje, quem não quiser permanecer na ignorância supersticiosa sôbre os astros terá que recorrer às verdades da Astronomia, na marcha da evolução mental.

E aquí terminamos essa parte e futuramente, fora dessa série sôbre Astrologia, voltaremos com outros interessantes informes sôbre as manchas solares, tão logo que recebermos os resultados de pesquisas, em fase de conclusão, que estão sendo elaboradas pelo observador Jean Nicolini, do Ob. do Capricórnio de São Paulo.

*Avenida Barrozo, 378 — Araraquara*

Aos Espíritos não está afeta a tarefa de apagar a fogueira ateadada pelo orgulho, egoísmo, rancor e ciúme das criaturas. Os seus conselhos e advertências, baseados nos preceitos cristãos, são bem claros para que cada um dos que se propuseram a trabalhar na seara espírita tenha a noção exata dos seus deveres e das suas responsabilidades. Lembrai-vos de que o reino de Deus só pode ser conquistado pela prática das virtudes ativas.

CAIRBAR.

# O Judeu, sua História, sua Missão

BIANÔR MEDEIROS

«Escuta, ó Israel, o Eterno é nosso Deus, o Eterno é um».

«Sh'ma Yis-ro-el A-do-noy Elo-le-nu Ado-noy e-chod».

(conclusão)

9. — Atos, XVII, 1/2, Paulo em Tessalônica:

«chegaram a Tessalônica, onde havia uma sinagoga de Judeus. E, segundo o seu costume, dirigiu se Paulo a êles e por três sábados discorreu com êles sobre as Escrituras.»

10. — Atos, XVII, 10: (Paulo em Bereia):

«E êles chegando ali entraram na Sinagoga dos Judeus.»

11. — Atos, XVII, 17: (Paulo em Atenas):

«Pregava na Sinagoga aos Judeus e aos gentios religiosos» (que acreditavam em Deus).

12. — Atos, XVIII, 1/4 (Paulo em Corinto):

«Depois disto saindo Paulo de Atenas foi a Corinto. Encontrou ali um Judeu chamado Áquila natural do Ponto, que pouco antes havia chegado da Italia, e Priscila, sua mulher, por ter Claudio decretado que todos os Judeus saíssem de Roma. E se uniu a êles e pregava todos os sábados na Sinagoga.»

13. — Atos, XVIII, 19, Paulo em Éfeso:

«Entrando na Sinagoga pregava aos Judeus.»

14. — Atos, II/19:

«Nêsse ínterim, aqueles que tinham sido dispersos pela perseguição que houve no tempo de Estevão, chegaram a Fenícia, Chipre e Antióquia e não pregavam a palavra senão aos Judeus.»

15. — Atos, XIV, 1, em Icônio:

«E em Icônio entraram juntos na Sinagoga dos Judeus e ali pregaram, de

maneira que uma grande multidão de Judeus e gregos se converteu à fé».

16. — Atos, XIII, 5, em Salamina:

«E quando chegaram a Salamina, pregaram a palavra de Deus na Sinagoga dos Judeus.»

17. — Atos, XIX, 8, em Éfeso:

«Tendo depois entrado na Sinagoga, falou corajosamente durante três mêses, disputando e ensinando a doutrina do reino de Deus».

18. — Atos, XVI, II/18 em Éfeso:

«Paulo converte Lidia e sua familia, que já era temente a Deus, isto é, judia».

19. — Atos, XIII, 13, em Antióquia:

«E num dia de sábado entraram na Sinagoga e sentaram-se. Depois da leitura da lei e dos profetas, os chefes da Sinagoga, lhes mandaram dizer: Varões irmãos, se tendes alguma exortação para fazer ao povo, fazei-a. Então Paulo se levantou, fez sinal de silêncio e disse: Varões israelitas e os que temeis a Deus, ouvi».

20. — Paulo, Epístola aos Romanos, (aos Judeus de Roma), I, 16/17:

«Porque não me envergonho do evangelho, pois êle é uma fôrça de Deus para salvação de todo homem que crê, primeiro do Judeu, depois do grego».

21. — Paulo aos Filipenses, I, 5/6:

«Fui circuncidado ao oitavo dia; sou do povo de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu, filho de Hebreus; fariseu segundo a lei, e tão zeloso que cheguei a perseguir a Igreja de Deus (substitua-se por discípulos de Jesus); tinha uma vida irrepreensível quanto às exigências da lei».

VIII.—O povo Judeu somente falava o hebraico e no tempo de Jesus e de

seus discípulos o aramáico, a língua popular da época. Nessa língua falaram Jesus, João Batista e todos os discípulos do Divino Mestre. E, se alguma coisa escreveram, os Atos, as Epístolas, o Apocalipse fizeram-no em aramáico e não em grego. A teoria Católica de que Jesus e os discípulos falaram o grego é uma inverdade que não resiste uma análise lógica, crítica, racional. A prova disto é muito fácil:

1. — Atos, XXI, 37/39 :

«O tribuno perguntou a Paulo: «sabes o grego?» Paulo, o Doutor da lei, o único intelectual entre os discípulos de Jesus não respondeu, querendo afirmar, assim, que não sabia o grego. Entretanto respondeu prontamente: «eu sou judeu.»

2. — Atos, XXII, 1/2 :

«Paulo se defende. Irmãos e pais, ouvi o que agora vou dizer-vos em minha defesa. E quando ouviram que lhes falava em *lingua hebraica*, o escutaram com maior atenção.»

3. — Atos, XXI, 40 :

«Paulo colocou-se sobre os degraus, fez sinal ao povo com a mão, e tendo-se feito um grande silêncio, falou então em *lingua hebraica*, dizendo:»

4. — Atos, XXVI, 14, o próprio Jesus, mesmo depois de ressuscitado falava ainda o hebraico :

«E todos nós caímos por terra e ouvi uma voz que me dizia em *lingua hebraica*: Saulo, Saulo, porque me persegues? Duro te é recalcitrar contra o aguilhão. Então disse eu: quem és tu, Senhor? E o Senhor respondeu: Eu sou Jesus, a quem tu persegues.»

5. — São Jeronimo aceita ter sido escrito em Arameu o Evangelho segundo Mateus (Eusebius Hieronymus *Litterae* — XX Ad Damasum — I vol., pag. 83, ns. 15/20 — ed. Belles Lettres — 1949):

«Denique Matheus qui evangelium hebraeo sermone conscripsit ita posuit: «osianna barrama», id est «osanna in excelsis», quod salvatore nascente salus in caelum usque, id est etiam ad excelsa, peruenerit pace facta non solum in

terra sed et in caelo, ut iam diei aliquando cessaret: «inebriatus est gladius meus in caelo »

«Visto que Mateus escreveu o evangelho em língua hebraica assim disse: «osianna barrama», isto é «gloria a Deus nas alturas, etc...»

6. — Paulo, Epístola aos Romanos (aos Judeus de Roma), III, 1/4 :

«Qual é, portanto, a vantagem do Judeu? Ou qual é a utilidade da circuncisão? Grande, de todo modo. Em primeiro lugar\* porque lhes foram confiados os oráculos de Deus. Que importa se alguns deles não creram? Porventura a sua incredulidade destruirá a fidelidade de Deus? Claro que não. Porque Deus é verdadeiro e todo homem é mentiroso, segundo está escrito: Para que apareças justo nas tuas palavras e triunfes, quando fores julgado.»

7. — Paulo aos Romanos, XI, 1/5 :

«Digo, pois, teria Deus então regeitado o seu povo? Não, por certo. Porque eu também sou Israelita, descendente de Abraão, da tribo de Benjamim. Deus não regeitou o seu povo, que Êle conheceu na sua presciência. Porventura não sabeis o que a Escritura conta de Elias, de que modo êle se queixa de Israel a Deus? Senhor, mataram os teus profetas, derrubaram os teus altares; e fiquei apenas eu e êles ainda me querem matar. Mas que lhe disse a resposta Divina? «Eu reservei para mim sete mil homens que não dobraram os joelhos diante de Baal». Assim, é que ainda ficou um resto, segundo a escolha da graça.»

8. — Paulo aos Romanos, XI, 25/26 :

«Mas não quero, irmãos, que ignoreis êste mistério, para não vos presumirdes sábios: E' que uma parte de Israel caiu em cegueira, até que tenha entrado a totalidade dos gentios. E, assim, todo o Israel se salvará, como está escrito: «Virá de Sião o libertador e afastará de Jacó a impiedade.»

9. — Apocalipse, XXI, 1/3 :

«E vi um céu novo e uma Terra nova; porque o primeiro céu e a

primeira Terra desapareceram e o mar já não existe. E eu, João, vi a cidade Santa, a nova Jerusalém, descendo do Céu, de junto de Deus, adornada como uma esposa para o seu esposo. E ouvi uma grande voz, oriunda do trono, que dizia: Eis o tabernáculo de Deus com os homens, e Êle habitará com êles. E êles serão o seu povo e o próprio Deus estará com êles».

10. — Apocalípse, XXI, 9 :

«E me transportou em espírito a um grande e alto monte e me mostrou a santa cidade de Jerusalém, que descia do céu, de junto de Deus, brilhando com a glória de Deus; e o seu fulgor era semelhante a uma pedra de jaspe, como cristal. E tinha um muro grande e alto com doze portas; e nas portas, doze anjos, e inscritos uns nomes que são os nomes das doze tribos de Israel».

11. — Como se verifica, a verdade espiritual vai surgindo aos poucos, pelo que devemos procurá-la em suas fontes diretas: Israel, o hebraico, a revelação. A «Folha da Manhã», Estado de São Paulo, de 2 de Setembro de 1956, pág. 7, traz a notícia auspiciosa da descoberta nas ruínas de «Quisbut Cumrã», no mar Morto, em diversas grutas, de milhares de pergaminhos pertencentes ao governo de Israel e que estão sendo tratados, reconstruídos, fotografados e publicados em Jerusalém, de 1949 a esta parte, escritos em aramáico. Toda a Bíblia está sendo reconstruída em textos originais, em hebraico clássico e aramáico, no Estado de Israel, pelos próprios Israelitas, o povo de Deus. Já foram publicados cinco livros ou volumes, que estão ao alcance dos interessados. As preciosidades são de todos os

tempos, inclusive do tempo de Jesus e de seus discípulos. Muitos termos pagãos, muitas expressões incorretas, muitas inverdades serão peneiradas, separando-se o joio do trigo, o erro da verdade histórica.

12. — Concluindo: o Judeu é o povo escolhido por Deus para espiritualizar a humanidade. Ninguém, de boa fé, pode duvidar desta verdade. Ninguém, como o judeu, — ama a sua pátria, a sua língua, a sua raça, a sua fé. Religião é termo pagão Romano, encontrado em Cicero, Vergílio, Horacio e nos autores mais antigos ainda, com a significação de culto, cerimônias, lugar e objeto sagrado. Deriva-se ou se origina de religio, religionis, s. f. Nos textos sagrados não se encontra esta palavra, como não se encontram inúmeras outras originadas do paganismo Romano. Religião deve ser substituída por fé, revelação, lei, doutrina, ensino, boa nova, boa notícia, mensagem de salvação dirigida especialmente e em primeiro lugar ao povo de Deus e depois aos gentios das outras nações. Precisamos, por isto, respeitar, admirar, amar o povo escolhido, reconhecendo o seu grande merecimento, a sua missão especial, a sua gloriosa predestinação. Para isto precisamos estudar o hebraico, frequentar escolas hebraicas, fundar escolas hebraicas, difundir o hebraico como a língua oficial do Judaísmo e do Cristianismo e dos profetas do Altíssimo. Sem a Luz de Deus seremos sombras, ignorantes e sofredores por muitos séculos ainda, retardando o nosso progresso, a nossa renovação, a nossa felicidade espiritual.

Seja, portanto, o nosso lema: procurar, conhecer e difundir a verdade, combater o erro para salvar o homem.

Olimpia, 9/9/1956.



## AVISO

Avisamos aos nossos prezados assinantes que, em virtude das férias regulamentares que vamos conceder ao pessoal das oficinas, a edição do próximo mês de Abril, desta Revista, sairá juntamente com a edição de Maio.

# Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

## XX CAPÍTULO Inclinações literárias

1) Joaquim da Silva Duarte, que teria de influir muito em minha vida, teve influência preponderante na minha formação intelectual, na formação de minhas inclinações literárias.

2) Foi ouvindo-o declamar que tomei gosto pela declamação. E cheguei a ter fóros de declamador.

3) Escritor inédito, porque nunca chegou a publicar coisa alguma, teve a infelicidade de agitar um obscuro escriptor somenos, que fui eu...

4) Narrava uma peça de teatro que fizera. Peça que não foi publicada nem representada. Descrevia o cenário, os personagens, as cenas, fazendo o papel de cada um. Entusiasmava.

5) Pois eu, só de ouvi-lo falar de teatro e *representar* sua peça a gostos, palavras, descrição do cenário, tudo com entusiasmo, que escrevi também teatro. Escrevi um ato, AMOR E DESVENTURA, pródigo em pancadaria, em derrame de sangue, em tragédia. Não fosse sua péssima linguagem e má arrumação teatral, aquilo, bem como o drama seguinte — VICISSITUDES DA VIDA, lembrariam, de longe, as tragédias shakespeareanas. Escrevi teatro, — vale a pena friza-lo — sem nunca ver uma peça representada, sem nunca ir a um teatro, sem conhecer um ator ou autor teatral; sem nunca ver um livro de teatro.

6) Do VICISSITUDES DA VIDA, um jornal do Recôncavo — A PAZ, de Santo Amaro — publicou... «deverá vir à luz brevemente um drama em quatro atos, obra prima do poeta Leopoldo Machado. O VICISSITUDES DA VIDA é uma peça que, forçosamente, há de agradar a quem a leia, pois é amorosa, de grande efeito cênico e urdida pelo sistema moderno...»

Sublinhamos o obra prima muito de propósito...

7) Nas peças escritas havia, efetivamente, muita desventura. Desventuras de um autor quase analfabeto, sem nenhum tino literário, sem nenhuma prática de escrever, com relativa pouca lei-

tura ainda. Eu levei essa vantagem ao Duarte: ele fazia suas coisas bonitas, que as podia publicar e não as publicava. Meus *monstrenhos* literários, que nem mereciam ser lidos, eram publicados e até representados. Tudo, por vaidade, inexperiência, burrice! Ou pelas três coisas juntas, talvez...

8) Também com êle tomei gosto à arte poética, à monologação. Declamava com sentimento e alma. Principalmente duas poesias, a *Fôrça*, de Lemos Brito, e *Oh! Não!* de Alfredo Pimentel.

8) A *Fôrça* começava assim:

*Eu sou a fôrça possante.  
Que todo mundo domina;  
Eu sou a estrela brilhante  
Que o céu e a terra ilumina...*

10) A poesia *Oh! Não!* de Alfredo Pimentel que, como Lemos Brito, não se notabilizara como poeta, embora lhes sobrassem talento para tanto. Começava com versos assim:

*Dizes que eu te esqueça? Oh! é muito tarde!*

*Não sou, talvez, quem penses, um co-  
[varde*

*Que não sabe lutar.*

*Eu tenho n'alma a châma sacrosanta  
De fé! E sua luz é tanta e tanta,  
Sublime a irradiar...*

11) Nunca vi um verso do Duarte. Não escrevia versos. Levei, na poesia, vantagens sobre êle: escrevi versos, declamei poesias, publiquei livros de versos... embora furtasse, por vezes, coisas dos outros, pensamentos alheios; embora plagiasse...

12) Flavio Lopes Cançado hospedou-se no Hotel. E tomava parte em nossa rodinha literária. Ao deixar o Hotel, fui encontrar em cima da mesa de seu quarto, estes versos:

*Ouve; eu passava a minha mocidade,  
Como quem passa a noite de cautela,  
Num frágil barco, a navegar sem vela...*

Completei o quarteto, acrescentando:  
*Por sobre um mar de prantos e saudade...*

13) O soneto que começa por este quarteto, consta de meu livresco, *Pirylampos*. Aliás, muito bem impresso. Mas errado até no título.

14) Havia, em Salvador, uns tipógrafos — os irmãos Bittencourt — que puseram uma oficina de artes gráficas à Ladeira do Taboão. Procuraram-me, oferecendo-se para publicarem meu livresco contra pagamento somenos. Foi um achado para mim e um mal para meu público, de não sei se mais de uma dúzia de pessoas. E houve quem gostasse de meus versos, quem os elogiasse.

15) Publiquei meus primeiros livrescos sem conhecer e sem conviver com um poeta. Houve um — Melo Leite — muito jovem, soturno e retraído, que não me deu entrada, com quem não tive convívio nenhum, embora pensionista no Hotel.

16) Entretanto, o PIRYLAMPOS teve elogios. Aliás, diversos.

Aqui está, o da mesma A PAZ, de Santo Amaro: «É o sugestivo título com que vai crismar novo livro de versos, prêtes a sair à luz da publicidade, o jovem poeta baiano, Leopoldo Machado, residente na capital do Estado.

Já conhecemos algumas obras desse inteligente moço, entre as quais, AMOR E DESVENTURA e VICISSITUDES DA VIDA, que nos dão direito a que avisemos de público o PIRYLAMPOS».

17) Publicado o livro, voltou a publicar: «O PIRYLAMPOS contém muitas poesias boas, e bem inspiradas, notando-se a beleza das rimas e a retidão da métrica. Em uma de suas poesias, intitulada, A MORTE, e oferecida ao proprietário desta folha, soube muito bem o poeta vibrar a sua consternação em linguagem delicada e assás expressiva».

18) Meu segundo volume foi *Flores Inodoras*.

De meu *Flores Inodoras* — e o eram, efetivamente, em tudo! — houve quem dissesse:

«É o título de um livrinho de versos da lavra do Sr. Leopoldo Machado, que teve a gentileza de nos oferecer um exemplar.

Temos o prazer de afirmar ao digno cultor das musas que não perdemos um só de seus inspirados versos, os quais muito prometem às letras nacionais.

Achamos-os, entretanto cheios de tristezas... e, como somos da opinião de que tristezas não pagam dívidas...»

De «Operário», Valença.

19) *Os Meus Últimos Versos* foi o volume com que encerrei esta fase literária. Impressão, embora em papel jornal, magnífica... Tipo e disposição diferente para cada composição. Requite de arte por parte de seus impressores. Prefácio longo, substancioso, bem escrito, de acadêmico de medicina, F. de Assis Souza. Prefaciou, sem ler, o livro, embora citasse os primeiros versos de uma composição:

«Nasci, não tive infância, muito cedo comecei a sofrer da negra sorte...»

20) O livro recebeu elogios escritos. O que mais me sacudiu, foi a opinião do escritor. Afonso Ruy, publicado sob a assinatura AR. Citando o soneto com que Assis Souza o prefaciou, diz o articulista: «Leopoldo Machado, autor dos versos acima, será, de futuro, um poeta, escoimadas suas falhas de iniciante cheio de dúvidas, receios e receios, que o tempo se encarregará de corrigir e sanar. Todo êle é naturalismo sadio, traçando vigorosamente o seu sentir, as mágoas do coração, os dolorosos momentos de dores e provações. *Diadema de Dor, Fatal Dilema e Última Queixa*, caracterizam-lhe o espírito».

21) E cita versos do livro:

*Que vida a minha vida!  
Que sorte a minha sorte!  
No pego de viver, caravana perdida  
Aos doidos turbilhões das vergastas da*  
[morte.

22) E, da poesia EU:

«Quem sou eu? Desconheço a minha  
[fraca origem:  
Parece que nasci sob o influxo das má-  
[goas.  
Ora sinto da Dor a túbida vertigem;  
Ora sou como Ashaverus entre ignotas  
[frágoas.

23) Focando que é um livro de dor, cita por último, o soneto L'AMOUR DE MÈRE. O título do soneto não justifica que o autor soubesse o francês,

mas que ele achou o título em francês mais bonito :

«Só há em todo o mundo um grande  
[sentimento,  
Que extasia, e conforta, e enleva, e  
[ameiga, e encanta;  
E' luz auroreal que para o Céu trans-  
[planta  
A nossa alma de crente em sagrado mo-  
[mento;

E' astro sideral em glauco firmamento!  
E' brilho vespéral duma candeia santa,  
E' trescalante flor duma celeste planta,  
Luz que devemos ter sempre no pensa-  
[mento!

E' grande como o mar de plácida bo-  
[nança,  
Doce como o Infinito enlevado em ful-  
[gores,  
Suave como a cor suave da Esperança!

No bátratro da vida é doce palinuro,  
Suplanta até o sonho, o canto, o riso,  
[as flores...  
E' o santo amor de mãe tão dúlcido e  
[tão puro!»

24) Entretanto, «o livro saiu errado até no título, com o asticular *Os antes do possessivo meus*», disse um crítico de jornal. «Tem versos do tamanho de um quiabeiro», escreveu, humoristicamente, um poeta do recôncavo. «O poeta estragou muitos versos bonitos no rôl dos maus versos», disse outro crítico.

25) O Estado, de Salvador, diz: «Vem prefaciado pelo sr. Assis Souza, estudando a personalidade do poeta, que apesar de muito moço já compõe versos delicados e prometedores, principalmente, se o moço literato cuidar um pouco mais da sintaxe, mormente ao tocante às enclíticas e proclíticas prenominais.

Não somos de número dos que permitem à liberdade poética todo o direito que se lhe quer emprestar por aí afora...

E eu cheguei a rimar, estupidamente, epopéias com *argenteas*.

26) O *Diário da Bahia* escreveu: A produção nacional no tocante à literatura, pode-se dizer que fornece mais de 90% em trabalhos de poesia rimada. Verdade seja dito logo dos quais 5%

em condições de figurar no acêrvo da verdadeira poesia.

27) *Os Meus Ultimos Versos* entra, muito justamente, no rôl dos 85% restantes, a quem parece, mais preocupado a vaidade de possuir um livro, do que a glória — e porque não civismo? — de enriquecer a literatura pátria com versos perfeitos e completos.

Daí, porém, «não se infere que o trabalho de inteligente moço seja absoluta ruindade. Antes, versos êle os fez com inspiração sadia...»

E ressalva: «Se algum valor faltar às poesias de Leopoldo Machado, basta aquele *Amor Filial* da Dedicatória...

28) Xavier Marques, da *Academia Brasileira de Lêtras*, autor de *Sargento Pedro*, — o único *imortal*, na época, da Bahia — encontrara no poeta um farto manancial de inspiração e de imaginação, mas diz que seus versos são *ensaios incertos*...

29) Passando por Salvador, na *Caravana da Fraternidade*, em 1950 estive com o prefaciador, Assis Souza, ilustre médico. E falamos sobre OS MEUS ULTIMOS VERSOS. Ele tem o seu guardado como grata recordação daqueles bonitos dias de alegrias e irresponsabilidades de minha parte. Confessei que o meu volume havia rasgado. Destaquei o prefacio dele, a única coisa para mim que prestava e rasguei o livro.

— Pois fez muito mal. Devia ter guardado. Servia, se você tivesse, como eu, gosto pelas coisas do passado, para uma recordação agora agradável ao seu espírito e para marcar a sua evolução literária...

30) Mais tarde, convivi com um jovem do recôncavo, que estudava Medicina, M. S. J. Loquaz, não gostava de pagar suas dívidas a seus credores, gostava de dizer versos de sabor esquisito. Lá apareceu com alarde na imprensa, assinando seus trabalhos a pseudônimo — Palmeiron de Neuville.

31) Não lhe furtei versos nem escritos, que nunca os vi em manuscrito. Mas quasi lhe copiei e pseudonimo. Criei o meu *Jeuville Oliver*, com que iniciei a literatura da segunda fase de minha literatice, com versos mais bem medidos, com ideias mais bem vestidas, respitando melhor a meu público...

32) Já se havia fundado, na residência do próprio Assis Souza, o Gre-

*mio Litero-Científico Rio Branco*. Eu, entre os agremiados. E quasi todos, acadêmicos de Medicina e de Direito. Só eu, estudante de banca, com outros rapazes, preparatórios. Ora aquilo era vergonhoso para mim, de vez que a razão estava do lado dos meus críticos. Que fazer, então? Reagir, estudando. Obtive uma *Gramatica Expositiva* de Eduardo Carlos Pereira, o *Dicionário da Lingua Portuguesa*, de J. Ferreira de Almeida, *Tratado de Versificação*, de Olavo Bilac, e os livros de poesias de Castro Alves, de Bilac, de Vicente de Carvalho, de Raimundo Correia, de Guerra Junqueiro, os poetas da minha grande admiração.

33) Lendo esses versos, consultando o Dicionário, estudando Metrificação e Português, desertei da arena poética por algum tempo. Os versinhos que, aqui e ali, elaborava, assinava-os com o pseudônimo de Jeville Oliver...

34) Fôra preciso que a Bahia en-

tendida e ledora perdesse a memória do poetaço quase analfabeto, vaidoso e intempestivo que só havia publicado coisas imprestáveis, passíveis de crítica severíssima. Tanto mais pertencendo a um gremio de classe, composto de estudantes das três *Escolas Superiores* existentes em Salvador.

35) Foi, então, que passei a publicar produções nos periódicos da terra e de fóra, com pseudônimo. O MALHO, do Rio, a revista mais popular e mais lida da época, publicou muita coisa minha com o pseudônimo de Jeville Oliver.

E Jeville Oliver, dentro de pouco, até crônica de público merecera.

36) Mas, com o meu nome, só quando pudesse publicar coisas do agrado de mais gente culta, entendida, digna de crédito.

Uma questão, apenas, de dignidade literária.

## Uso do termo Ionização na Fenomenologia Espírita

Cicero Pimentel

QUEM leu a excelente obra mediúmica «Missionários da Luz» de Chico Xavier, encontrou no cap. X—Materialização—a seguinte passagem de Alexandre, ao responder a André Luiz: «Temos ali esclarecidos cooperadores do serviço, que preparam o ambiente, levando a efeito a ionização da atmosfera, combinando recursos para efeitos elétricos e magnéticos. Nos trabalhos deste teor requisitam-se processos acelerados de materialização e desmaterialização».

Pois bem, lendo-se com cuidado esse trecho, conclúe-se que os Espíritos preparam o ambiente sob o ponto de vista físico, ou melhor, físico-químico, pela ionização do ar, a fim de obterem condições favoráveis para a materialização e des-

materialização. O termo ionização tem aqui, como em Física e Química, o mesmo significado, isto é: a formação de ions a partir de átomos.

A ionização da atmosfera realizada pelos Espíritos tem, por certo, como na Física, a finalidade de provocar um ambiente condutor de eletricidade, e portanto, capaz de descarregar um eletroscópio. A propósito fica um lembrete para aqueles que realizam sessões de materialização: é o de levarem consigo um eletroscópio para poderem evidenciar a condutibilidade elétrica do ar durante o fenômeno. Esse ambiente elétrico favoreceria a materialização, fato este, parece, desconhecido pelos investigadores espíritas e metapsiquistas.

No referido livro, ainda se lê

que Alexandre foi contrário à idéia de André Luiz, que ao ver os Espíritos ionizando o ambiente julgou tratar-se de «sacerdotes antigos que estivessem executando operações magnéticas de santificação interior do recinto».

É por esses motivos que se deve evitar o uso do termo ionização para indicar a purificação ou a melhoria espiritual de ambientes, o que não fez, por lapso, o confrade Teixeira de Paula, no seu interessante artigo sobre a vida de Chico Xavier, em «Unificação», jornal n.º 31-32, 1955.

Ainda, no «Unificação», n.º 43-44, 1956, voltou o nosso confrade a insistir no uso desse vocábulo físico-químico, no sentido espírita, isto é, como meio de purificação de ambiente. Diz Teixeira de Paula que foram os Espíritos que o usaram nesse sentido. Não! os

Espíritos usaram o termo ionização tal como mostrei acima, a saber, como um meio para preparar fisicamente o ambiente da materialização. Para o arejamento espiritual, há Espíritos que por outros métodos isolam, até mesmo, o local «para que os princípios mentais de origem inferior não afetem a saúde física dos colaboradores encarnados» (ver obra e capítulo do livro citado atrás).

Em conclusão, a ionização não tem um significado próprio na fenomenologia espírita ou mesmo metapsíquica; é um termo que pertence à Física e à química, devendo, porém ser usado sempre no seu sentido original, isto é: fenômeno da passagem do átomo para ion, o que ocorre tanto nas reações químicas, como na ionização de gases provocada por certas radiações (raios alfa das substâncias radioativas, etc.)

S. André, 11-2-1957.

## Salutar Movimento Espírita na Argentina

O «Boletim Espiritista», de Avellana, República Argentina, em seu número de novembro do ano próximo findo, propugna a idéia salutaríssima da fundação do Instituto e Clínica Psiquiatra Espírita, a respeito de cujo projeto o mesmo Boletim pública farta colaboração, de que tratamos, em parte, no próximo número de «Revelação» (n.º 2, de fevereiro, a sair). Tão importante se nos apresenta êsse movimento da opinião espírita argentina, que solicitamos também aos nossos caros confrades de «Revista Internacional do Espiritismo», cujo círculo de ação é muitíssimo mais amplo do que o do pequeno órgão sob a nossa direção, que se dignem aceitar, publicando-o em seu número a sair, esta desprezenciosa colaboração sobre o assunto em foco.

Antes de tudo transcrevamos, *data venia*, o apêlo que faz a Comissão organizadora do *Instituto y Clínica del Alma*, à ciência médica argentina, nos seguintes

têrmos: «A Comissão Organizadora que tomou a si a tarefa de cristalizar, realizando-a, a idéia da criação de um Instituto e Clínica da Alma, para solução do problema da Psiquiatria Integral, fundamentado no equilíbrio da ciência médica e da mediunidade, que funcionam, como já é do domínio público, com resultados sedutores em países progressistas como: Brasil, Cuba, México, Inglaterra, Estados Unidos, etc., se compraz em enviar-lhe o informe da citada iniciativa, para os efeitos de consultar sua autorizada opinião a respeito, em tôda acepção da palavra, segundo seu leal saber e entender.

Acima das ideologias ou religiões que temos o direito de professar e o dever de respeitar, desejamos convergir para um ponto no qual pudéramos identificar nos, com o veemente desejo de ser mais úteis aos demais.

Por isso, anelamos que judiciosamente considere esta obra como um esforço

em comum que, sob a direção médica de profissionais especializados, funcionará gratuitamente, para o bem geral.

Esperando ver nos interpretados em sua autorizada resposta, que tanto valorizamos, grato nos é saudar-lhe com a nossa mais profunda amizade, solicitando sua autorização no caso que queiramos publicá-la.

Em tal expectativa, nos é útil fazer acompanhar esta nota do incluso detalhe impresso pela Comissão Organizadora.

Tenente Coronel Julio Barcetché, secretário de Relações Exteriores; Alfredo Vaghi, Secretário Geral; Salvador Gatto, Secretário de Imprensa e Propaganda; Rodolfo San Gil, Secretário de Correspondência».

Se há um assunto que deva realmente merecer, da parte dos espíritas, a maior consideração, é êsse que se relaciona com a Medicina da alma, em todos os seus complexos e por vezes intrincados delineamentos. O Hipnotismo já definitivamente entrou para o quadro das atividades médicas. Mas não basta isso, porquanto o Hipnotismo pode coexistir com o materialismo e, neste caso, o verdadeiro sentido do problema é posto à margem, com enorme prejuízo quer no sentido teórico da Doutrina — o que não é para desprezar; quer no sentido prático da ciência — o que é essencial.

Quem perflustrar os autores espíritas que têm tratado, como o fez Gabriel Delanne, da utilidade fisiológica do perispírito ou do seu papel psicológico (1), necessariamente haverá de reconhecer a relevância da contribuição espírita no campo da Psiquiatria, reconhecendo igualmente que o caráter científico dessa valiosa contribuição da nossa grandiosa Doutrina, para a normalização psíquica dos enfermos da alma, está a exigir da civilização adiantadíssima, de que já desfruta o homem terreno, maior, muito maior inte-

rêsse por uma questão que tem sido relegada à classe menos culta da sociedade, porém muito mais acrisolada no íntimo reconhecimento da Divina Paternidade e por isso mesmo mais inclinada à fé que constituiu poderoso veículo das forças invisíveis operantes no sentido da prática da caridade.

Porque não rasgam definitivamente os homens de ciência a túnica de Nessus, que os prende aos vãos preconceitos, ao insustentável orgulho, de origem especificamente ateísta e materialista?

Diante dos nossos olhos rasga-se a tela do Infinito, inacessível aos nossos sentidos e à nossa inteligência, quando destituída de humildade. O homem domina a matéria, mas não pode dominar o espírito: «o espírito sopra onde quer...»

Por vezes, quando falha completamente a ciência, a fé simples e ingênua encontra valimento completo: «Se tiverdes fé, ainda que seja do tamanho de um grão de mostarda, direis a êste monte: passa — e êle passará», afirmou o Cristo com a autoridade de quem operou a multiplicação dos pães e dos peixes, fez voltar à vida a filha de Jairo, o irmão de Marta e Maria e, não somente andou sobre as águas, mas deu forças a Pedro para imitá-lo; além de tantos outros exemplos do seu imenso poder de curar, de expulsar maus espíritos, etc., etc.

Una-se a Ciência à Religião; venha para o campo livre do Espiritismo — e a humanidade terá nesta admirável civilização da era atômica muita felicidade para proporcionar às gerações que forem sendo educadas no sentido do aperfeiçoamento moral e da razão esclarecida pelo conhecimento das Leis de Deus.

Aos nossos irmãos argentinos, pela sua feliz iniciativa; os nossos melhores aplausos.

ARNALDO S. THIAGO.

Rio de Janeiro, fevereiro de 1957.

Rua Deputado Soares Filho, 53  
Apartamento, 102 — Vila Isabel

(1) Vêr «A Evolução Anímica», do autor citado.



A Mocidade Cristã tem também participação ativa no movimento doutrinário — seja um dos presentes à X Concentração de Jovens a realizar-se em Goiânia, Goiás, nos dias 18, 19 e 20 de Abril do corrente ano.

# E, a Criança Nasceu!...

General  
Levino C.  
Wischnal

O bairro ficou alvoroçado.. Célere correu a notícia de lar em lar—o impossível acontecera!

Dona Cecília, da alta sociedade, dama de ares fidalgais, sentira-se grávida desde algum tempo. Seus largos recursos permitiram que se cercasse dos mais afamados médicos obstétricos; êstes, no entanto, foram unânimes em declarar que o caso era sumamente complexo, apresentando até iminente perigo, pois a criança, desde há muito, devia ter nascido. A paciente em hipótese alguma suportaria uma operação cesariana, devido à avançada debilidade de seu coração.

Os familiares tornaram-se de fisionomia sombria ante a preocupação dos médicos que permaneciam em constantes conferências. Os vizinhos mais chegados sofriam igualmente; enfim, pressentia-se em todos os semblantes a silenciosa e cruel sentença: — dona Cecília teria que morrer, com a possibilidade de levar para o túmulo o fruto de seu ventre.

A ansiedade aumentava. Que fazer? A quem mais apelar? Todos os dias eram de pesadas inquietações e todas as noites de terríveis pesadelos. Sobre o nobre palacete abatera-se, implacável, o peso do infortúnio. Alguém devia nascer, porém não podia. Enquanto isso, preces aflitivas subiam aos céus. Dir-se-ia, como nos romances... e a morte espreitava suas vítimas!

No auge do desespero, foi lembrado o Espiritismo, cujo nome, apenas pronunciado, fez correr um calafrio pela espinha dos que cercavam a enferma. Maquinalmente, com gestos bruscos, esconjuraram o demônio, fazendo sinais cabalísticos, enquanto murmuravam temerosos «cruz-credo». Alí votavam mais desprezo ao Espiritismo do que a um cão leproso.

E o parto inibitório seguia inclemente pela via do desfecho fatal. Dona Cecília perdera o ânimo, agitando-se convulsa, em delírio; seu rosto já apresentava o «facies» característico da agonia; pesado suor frio banhava aquele cândido rosto, antecipadamente envelhecido, enquanto a pobre senhora, de vez em quando, desfalecia como morta. Seu marido, feições dementadas, enfiava seus longos

dedos na cabeleira basta, pronunciando palavras de maldição.

Súbito, como milagre, cessaram as aflições. A doente tornara-se calma e lúcida. Inclinando seu rosto para certo recanto do luxuoso dormitório, começa a sorrir, iluminando-se-lhe as pupilas dilatadas, como se estivesse vendo manígnica visão. Lentamente, a enferma repetia agora, em voz alta, as palavras que alguém parecia ditar do Céu. Ouçamo-la: «Filha querida, a vida continua; você está sendo experimentada em sua fé para com Jesus. Este teu filho precisa nascer e você necessita continuar a viver; tente o Espiritismo, já que a ciência dos homens não te pode salvar -- Adeus!»

E os presentes cochichavam: — «Coitada, está variando...»

Dona Cecília, porém, revigorada, rosto sereno, levanta-se firme, como só há meses atrás conseguia fazer, e reúne marido, filhos e parentes para dizer: — «Minha mãezinha, morta há tempos, recomendou-me que experimentássemos a cura pelo Espiritismo; vamos aventurar, sim?»

Parece que desta vez o Alto intercedeu. Todos em vez de se benzerem, aquietaram-se conformados.

De longe então, fôra trazido, às pressas, num possante Cadillac que havia rumado às plagas de Guaratinguetá, um homenzinho de feições humildes, tipo bom caboclo do interior. Era Antonio Araujo, médium passista, verdadeiro servo de Jesus e aparelho do médico espiritual Dr. Bezerra de Menezes.

Antonio, rápido, penetrou no quarto de dormir e pediu que alí apenas ficassem o marido, o médico da família e a velha ama. Dentro de poucos instantes, o recinto foi tomado por diligentes espíritos socorristas, ao mesmo tempo que os presentes se admiraram quando viram aquele homenzinho tão humilde aprumar-se repentinamente, tomando aspectos e atitudes totalmente diferentes; parecia até, que aquele médium, como num passe mágico, se transformara instantâneamente no próprio Dr. Bezerra.

E o bom caipira, de aspecto e expressões transfiguradas, grave como um autêntico médico, porém de olhos completamente cerrados, foi logo tirando o

paletó, arregaçando as mangas, lavando as mãos. Com espanto dos presentes, que pareciam chumbados ao chão, encaminhou-se o pseudo médico em direção a dona Cecília, iniciando urgente o partejamento, tal como o faria o mais hábil médico parteiro da terra. Num gesto quasi imperceptível fez com que a parturiente fosse tomada de uma doce sonolência hipnótica, passando a sorrir alegre e confiante, antevendo a sublime missão de ser mãe.

Os Céus tudo haviam preparado e o médico espiritual, Dr. Bezerra, através da mediunidade e das mãos benditas e ágeis de Antonio, executara a difícil operação. Dona Cecília salvara-se e, em poucos minutos ecoavam pelo palacete silencioso os primeiros vagidos de uma linda criança!

Mas, sabem o que aconteceu ao bom Antonio? Ao voltar a si, confuso e assustado, comô que acordando de uma longa vertigem, perguntou onde se achava, que fazia ali, que representava tudo aquilo, de quem era o bebê recém-nascido, por que motivo estavam os lençóis ensanguentados e sua roupa manchada, bacias pelo chão, ataduras, gazes, algodão,

frascos, etc. Estava alheio a tudo, de nada se lembrava!

Entre calorosos abraços de felicitações dos presentes, agora aliviados e jubilosos pelo inesperado êxito, foi o bom caipira chamado de «o melhor médico parteiro». Os presentes choravam de alegria!

Antonio, no entanto, paulatinamente foi mudando seu semblante; ficou rubro, acanhado, tornando-se triste e profundamente envergonhado pelo que acabara de fazer; nem mais podia encarar as pessoas, pois, nunca em sua longa vida de pacato médium do interior praticara um único parto; muito ao contrário, até se sentia cheio de dedos e acanhado quando a conversa tocava assuntos de gravidez. Enquanto, humilde, pregava os olhos nos aveludados tapetes, dizia: — «Puxa! Quanta vergonha...»

Durante sete dias seguidos ficou hermeticamente fechado em sua choupana, não aparecendo na janela nem a pontinha do seu nariz; ninguém o conseguia ver.

«Puxa! Quanta vergonha...»

Eis, o resumo de uma pequenina história verdadeira.

## LIVROS E AUTORES —

LEOPOLDO  
MACHADO

### LINDOS CASOS DE CHICO XAVIER, *Ramiro Gama.*

Ramiro Gama e o médium de Pedro Leopoldo aparecem, agora, num livro originalissimo: LINDOS CASOS DE CHICO XAVIER.

Já conhecemos e já privamos na intimidade de ambos. Isto até nos põe à vontade para estas notas.

Não há, efetivamente, quem conheça o grande médium de Pedro Leopoldo; quem tenha privado na sua intimidade, que desconheça fatos e episódios de sua vida, relacionados aos Espíritos que o assistem. Pois, senhores, são tais fatos e tais casos que Ramiro Gama conta despreocupadamente, suavemente, doutrinariamente, encantando a gente, satisfazendo a toda gente que leia seu belo volume...

Nós já tivemos, também, a idéia que o Ramiro pôs em execução. Em 1937, assim conhecemos o Chico Xavier, ainda não conhecíamos o Ramiro Gama,

chegámos, mesmo, a exhibir alguns de seus lindos casos em conferência, em MUNDO ESPÍRITA e na revista O REFORMADOR. Iamos até publicar um volume, DIAS LINDOS DE BELO HORIZONTE, englobando impressões de viagem, nosso conhecimento com o Chico e seus casos lindos. Eugenio Carlos Monteiro chegou a elaborar o desenho da capa, uma linda espiral que não tinha fim. Depois de publicados todas as impressões, os casos que então joeiramos do Chico e as mensagens magnificas que, então, colhemos, em prosa e verso — muita até repetidas em nosso GRAÇAS SÔBRE GRAÇAS — o manuscrito desapareceu não sabemos como. Lembramos, então, que o Chico profligou vivamente, um estudo comparativo que, então, fizemos entre êle e o Mirabeli. O fato era real, logicissimo, passara-se assim mesmo. Mas, êle não queria que aquilo aparecesse no livro. Seria maguar muito o companheiro. Escrúpulos de homem de bem e de cristão!

A verdade é que, aquele fato, e outros fatos lindos do Chico, não foram revelados ao público. Nem o livro, cuja lembrança e saudade ainda choramos comovidamente.

Estas linhas não são para tratarem de nós, mas da obra, que bem nos soube, do Ramiro Gama.

Foi M. Quintão quem nos aproximou de Ramiro Gama, em Três Rios, da primeira vez, que por lá andamos. Houve, efetivamente, entre nós, grande afinidade.

Mas, nossa afinidade nem sempre andou equilibrada, enquadrada na linha de amizade inquebrantável. O LAR DE JESUS apareceu. E era preciso que sua idéia e propaganda se fizesse conhecidas. Saíu, então, em REFORMADOR, um trabalho do Vinicius, que se nos afigurou contrário a tais obras. O Quintão tomou seu partido. Escrevemos uma carta esclarecedora, não nos lembramos a quem, contando a atitude do velho Quintão, que não se agastou, nem nos inimizou por isso. Essa carta foi bater às portas do Ramiro, que, também partidário do Quintão... Discordamos, porém sem brigarmos. Tanto que, depois, veio residir em Nova Iguassú. Até parece-nos que aceitou um encargo na direção do F. E. Caridade...

Não tivemos tempo de visitá-lo em sua nova residência. Menos por não sermos gente de visita, mas pelo acúmulo de serviços que bem nos sabia realizá-lo, mais ou menos ao tempo e à hora. Ramiro teria se zangado conosco! Nem por isso deixamos de convidá-lo, e mais à mocidade *Amaral Ornelas*, para o monumental Congresso de Mocidade que realizamos em 1948. Se é certo que não tivemos a cooperação, de ambos, menos certo não é que o Congresso de *Mocidades Espiritas* foi, até agora, a coisa mais rumorosa espiritista que já se registrou no Rio de Janeiro...

Acordes e discordes, sempre esti-

vemos juntos, graças a Deus. Briguinhas de espírita, sem ódios e sem rancores...

E voltamos — ai, de nós! — ao mesmo terreno pessoal!

Lemos seu livro com vivo interesse. E o comentamos na sessão de estudos do F. E. C. Houve até uma porção de pedidos de volumes que ainda não recebemos. Comentamo-lo, salientando os casos que se nos afigurou mais pitorescos, mais doutrinários. Trata-se, por enquanto, de um livro como os nossos livrecos, que a gente recebe por favor, paga sem ler; às vezes nem paga e nem lê e nem devolve e nem avisa seu recebimento! Mas, será um livro — afirmamo-lo — para novas edições e para difusão geral.

Ramiro Gama descreve o *médium* e sua simplicidade, sua vida e suas histórias, num volume que deve ser bem recebido e lido por toda gente...

Estamos em que, noutros dias, quando a *Editora da Federação Espírita* for menos restrita e mais franca, um dos primeiros volumes que editará, será o livro de Ramiro Gama, editando edições que se exgotam, como desaparecem as edições do médium admirável.

Os fatos e episódios da vida e da mediunidade de Chico Xavier, descritos pelo Ramiro Gama, se fosse coisa comum na vida de qualquer mortal, esse mortal seria candidato a santificação. Por muito menos, estamos vendo que se está ensaiando uma visão do Cristo, pelo Papa Pio XII, para a sua beatificação, para a sua canonização.

Parece-nos que o Francisco Candido Xavier não tem pretensão a chamar-se, de futuro, S. Chico Xavier. Parece-nos que não quer ficar devendo esta graça ao Ramiro Gama, claro...

Podíamos alinhar, ou citar aqui alguns dos bonitos episódios do livro.

Mas, seria tirar a graça e o valimento do livro que todos devem ler, devem possuir, devem anotar, devem reler.

## TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

*Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:*

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

# Crônica Estrangeira

## Um Caso de Desdobramento

De «*Estudos Psíquicos*».

William Chapman White publicou há tempos um artigo no *Diário Popular*, de Lisboa, que causou grande impressão nos setores profanos. O vespertino lisboense inseriu a narrativa sob este rótulo tremendo: «O estranho caso do americano que foi à Noruega precedido do seu fantasma».

Erkson Gorique é o protagonista da história. Homem de 50 anos, tem corrido o mundo em viagem de negócio. Em 1954 decidiu visitar a Noruega para vender cristais e porcelanas, embora ali não conhecesse qualquer pessoa. Um ano depois chegou a Oslo de avião e dirigiu-se ao melhor hotel, onde se inscreveu como hóspede. Pareceu-lhe que o empregado o fitava de forma estranha, mas não ligou importância, até que, fixando a assinatura, aquele exclamou:

— Ainda bem que voltamos a vê-lo, sr. Gorique!

O visitante disse que era a primeira vez que ali se encontrava e o empregado mais surpreso ficou.

— Mas há meses que o sr. aqui esteve e disse que voltaria no verão... O seu nome é pouco vulgar e por isso não o esqueci...

— Deve ser engano — disse Gorique. — Nunca aqui estive.

O empregado encolheu os ombros:

— Talvez eu esteja confundido:

No dia seguinte Gorique dirigiu-se ao escritório de um armazenista, chamado Olsen, a quem fôra recomendado. Foi recebido por um homem idoso e afável.

— Sr. Gorique, que prazer tornar a vê-lo! Sempre esperei que voltasse a aparecer após a sua curta visita de há meses...

— Sr. Olsen — disse ele — é a primeira vez que aqui venho. Nunca tinha estado em Oslo. Nunca o tinha visto. Pode explicar-me...

O sr. Olsen explicou. Um tal Erkson Gorique fizera-lhe breve visita alguns meses antes, manifestara interesse

em comprar certa quantidade de porcelanas e cristais, dissera-lhe que voltaria no Verão seguinte e saíra apressado. \

— E parecia-se comigo?

— Não era talvez tão amável e parecia estar com muita pressa. Mas parecia-se com o senhor.

Gorique concordou que tudo aquilo era deveras singular. E Olsen prosseguiu:

— Também me lembro de me dizer que tinha escritório em 44th West Street e armazem em Long Island.

Gorique sentiu a testa cobrir-se de suores frios. Era o seu próprio endereço. E limitou-se a dizer com voz titubeante:

— E' estranho.

Gorique ficou uns dias em Oslo e fez grande encomenda a Olsen. Discutiram o caso do visitante anterior, sem nada concluir. Passados dias Olsen apresentou o americano a um professor da Universidade, que ouviu o caso, dizendo:

— Não posso dar-lhe uma explicação, mas posso dizer-lhe que a experiência de ter um «Vardogr» ou «precursor», como se chama, não é fenômeno psíquico raro nesta parte do mundo. Por que motivo o «precursor» aparece nestas regiões antes da pessoa autêntica ou a razão de só nesta parte do globo o fato ser notado, ignoro completamente. Há tantas coisas que não sabemos...



## Desencarnam Médiuns de renome Universal

Helen Duncan

No princípio de dezembro de 1956, o Rev. Thomas Jeffrey, ministro da Igreja Escocês, dirigiu o serviço de cremação do corpo de Helen Duncan. Ele a descreveu como a «Joana d'Arc da Escócia». O Rev. assistiu, durante 15 anos, a sessões da falecida médium que o venceram dos fatos espíritas.

A sra. Duncan foi uma das mais notáveis médiuns que apareceram no ce-

nário espírita. Suas sessões realizadas em boa luz vermelha durante 27 anos foram assistidas por milhares de pessoas. Muitos afirmaram terem visto a materialização de entes queridos, ouvindo suas vozes típicas.

### James J. Dickson

Em 9 de novembro do ano passado, em São José, California, passou ao Outro Lado Mr. James J. Dickson, extraordinário médium de efeitos físicos, mediunidade que exerceu por mais de 50 anos, e desincarnou aos 75 anos. Tão potente eram as suas faculdades que, mesmo depois de ter se afastado do trabalho ativo no ano passado, ainda ocorriam materializações completas, muitas vezes à plena luz do sol.

Durante sua longa atividade, êle deu a incontáveis assistentes o prazer de reverem seus entes amados aparecerem em formas materializadas. Quando suas faculdades atingiam ao máximo não raro se mostravam 40 formas espirituais numa sessão, entre estas algumas que falavam em línguas estranhas.

De «*Two Worlds*».



## O Amor de um Cavalo

De «*Estudos Psíquicos*»

*Voz Informativa*, de Julho, noticia um fenômeno admirável comprovante da grandeza de alma de certos animais.

No dia 21 de Janeiro do corrente ano — conta o articulista — Giuseppe Polischi regressava a casa depois de passar o dia numa aldeia vizinha, onde costumava ir semanalmente. Um amigo, fitando o cavalo, exclamou:

— Já está velho. Podias vendê-lo para o matadouro.

Polischi ficou chocado, pois tinha amor ao animal, que durante 14 anos o servira com dedicação. Pensava substituí-lo, mas nunca matá-lo. Não o poderia sacrificar assim.

Quando regressava a casa era noite e a temperatura estava abaixo de zero. Subiam a encosta e o dono desequilibrou-se e rolou pelo declive. Em face dos lamentos de Polischi, o cavalo re-

linchou desesperadamente, mas ninguém lhe respondeu. A neve caía. De súbito, Morello — era o nome do cavalo — começou a galopar a caminho de casa.

Na aldeia tudo estava em silêncio e aquele relinchar obrigou alguns habitantes a abrir as janelas. Vendo o cavalo sózinho, calcularam que algo tinha sucedido ao dono. E alguns se deixaram guiar pelo animal, que os levou ao lugar onde Polischi estava sem sentidos. Primeiro, os aldeões nada viam sob a luz das lanternas, mas o cavalo olhava para baixo, até que deu a compreender que o dono rolara pela encosta. Levaram-no então ao hospital, cujo médico declarou que não teria podido salvá-lo, se tivesse ficado mais uma hora na neve.

Comentário de *Voz Informativa*:

«Como pensar que os animais carecem de inteligência e sentimento? A medida que evolucionamos, observamos mais e compreendemos melhor. Quando souberem que o amor e a bondade anulam o mal e tudo aplanam, a felicidade se instalará na terra».



## Premonição da Morte

Antonio Constantino.

Não quero saber de graça, com prenúncios de morte. De minha parte, tenho visto e ouvido tantos acontecimentos que arrepiam. Há, nisso, algô inexplicável, e atrevida e bufa é a pretensão de quem se põe a ridicularizar o incompreensível. Temos o caso da velha «estrela» Mary Pickford. De uns tempos para cá meteu se-lhe na cabeça o presságio do seu fim, tornando-se superstição obsedante. Por ocasião duma festa que ofereceu aos amigos, não faz muito tempo, recusou-se a dizer adeus aos convidados, na hora da saída. Não pronuncia a palavra «adeus», em que entende se achar implícita a idéia de morte. Isto lhe causa pavor. Os jornais puseram em destaque a história, não sem alta dose de ironia. Pois Mary Pickford relatou aos reporteres que por um triz ela não morreu, na noite de sabado último. Havia regressado duma festa, com o marido capitão Horace Brown, e este foi tirar o revólver, a fim de o guardar. A arma resvalando disparou. A bala ape-

nas roçou a testa da ex-atriz. Compreende-se o susto dela, em função ao mau agouro que a persegue. Após o acidente referido, dobrou a agitação nervosa e o medo de Mary Pickford, sentindo a ron-

da do perigo à sua vida. O caso recente justifica os temores de premonição.

De «A Gazeta», de 1 de Julho de 1956, São Paulo.

# ESPIRITISMO NO BRASIL

## Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data: Cr. \$ 186.285,00.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina, almejando-lhes paz e saúde.

## Representante na Capital

O nosso Representante na Capital, o confrade Vicente S. Neto, residente à Alameda Cleveland, 724, telefone 52-8865, caixa postal, 4921, está autorizado também a angariar donativos para a Campanha pró-máquina de «O Clarim».

## X Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo

A Realizar-se em Goiânia nos dias 18, 19 e 20 de Abril próximo

Segundo já é do conhecimento de todos e, principalmente, do público juvenil espírita, a Concentração em epígrafe terá por sede a Capital do Estado de Goiás, GOIÂNIA, onde será realizada no período de 18 a 20 de abril do corrente ano.

No sentido de dar-lhe o maior êxito possível, o seu Conselho Diretor vem trabalhando, estudando e traçando planos através de diversas reuniões prévias levadas a efeito. Várias Comissões foram cons-

tituídas, entre as quais, as de Finanças e de Propaganda.

Observando bem a data de seu início, lembramos de que nela se comemora o Primeiro Centenário do lançamento da 1.<sup>a</sup> Edição de «O LIVRO DOS ESPÍRITOS», livro êste que, na realidade, veio iniciar a obra codificadora da Terceira Revelação.

Diante da duplicidade significativa da época, queremos solenizá-la com a efetivação da X Concentração de Mocidades e com a Comemoração do PRIMEIRO CENTENÁRIO DA CODIFICAÇÃO DO ESPIRITISMO.

Assim é que instalaremos dentre breves dias uma exposição de livros espíritas e uma barraca para vendê-los e difundí-los e estamos providenciando a vinda, ao Conclave e Centenário, de conferencistas idôneos para dizerem, de bem alto, as mensagens celestes aos moços que honrarem o seu movimento com suas indispensáveis presenças.

Teremos prazer enorme e vós muito lucrareis se a ela comparecerdes. A Concentração é vossa, jovens de São Paulo, de Minas Gerais, de Mato Grosso e de Goiás e de vós depende o seu brilhantismo. Lembrai-vos de que é nos certâmes dessa natureza que temos oportunidade de entrar em contacto com os companheiros de regiões outras e são ensejos belíssimos para a causa unificativa dos nossos ideais e dos núcleos juvenis espíritas do Brasil. Vós que tanto amais a Causa que estais empenhados; que gostais de confraternizar-vos; vinde confraternizar conosco aqui, em Goiânia, durante aquêles dias.

Para melhor orientação dos irmãos dedicados que desejais vir a Goiânia, informamo-vos de que os meios de transportes capazes de trazerem vos até aqui são de diversas ordens: Para os de São Paulo, Minas e zona de Goiás servida pela Estrada de Ferro de Goiás, há o Fer-

roviário, Rodoviário e Aéreo; para os de Mato Grosso e interior de Goiás não servido pela Estrada de Ferro existem os Rodoviário e Aéreo.

Como sentis, não é muito difícil virdes até aqui; depende, é claro, de um pouco do vosso esforço e sacrifício mesmo. Mas, a conquista de tudo o que é bom condiciona-se sempre à parcela de nossa boa vontade no agir para que haja mérito.

Goiânia, apesar de ser a caçula e modesta Capital de um dos Estados ainda pouco desenvolvido, tudo fará para receber-vos porque ela se sentirá enternecida e prestigiada se contar convosco abrilhantando as solenidades da X Concentração e do I Centenário.

SALVE A DÉCIMA CONCENTRAÇÃO DE MOCIDADES ESPÍRITAS DO BRASIL CENTRAL E ESTADO DE SÃO PAULO.

Goiânia, 20 de fevereiro de 1957.

Divulgação da Secretária do Conselho Diretor. Rua 3, n.º 32 — GOIÂNIA — Goiás — Caixa Postal, 239.

Secretário: *Melchíades Floriano Lemos.*

## Representante

Comunicamos aos nossos assinantes residentes em Salto, S. P., que o confrade Flavio Pitorre foi nomeado nosso Representante nessa cidade, com autorização para angariar, receber e reformar assinaturas para «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo».

## União Municipal Espírita de Matão

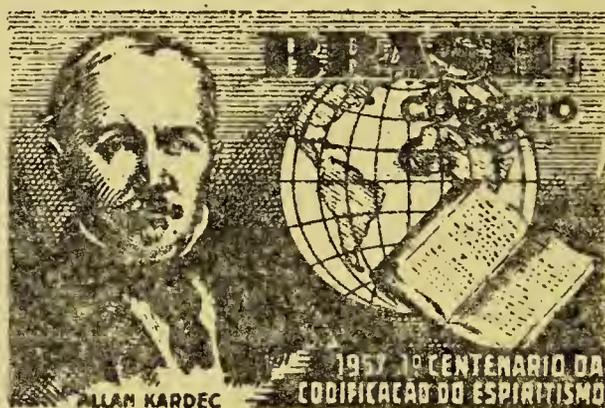
Em sua reunião realizada no dia 3 do mês passado, a União Municipal Espírita de Matão, resolveu comemorar o *Ano do Centenário da Codificação do Espiritismo*, com palestras semanais que se realizarão todos os domingos às 20 horas, no Salão do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», até Abril próximo.

Para a primeira palestra foi convidado o jovem Dr. Orlando Aylton Toledo, da cidade de Araraquara.

## 1.º Centenário da Codificação do Espiritismo

### Sêlo Comemorativo

Desenho do sêlo postal comemorativo do 1.º Centenário da Codificação do Espiritismo, cuja emissão foi aprovada pelo Departamento dos Correios e Telégrafos, para uma tiragem de cinco milhões, com a taxa de Cr. \$ 2.50, e que deverá ser lançado brevemente.



Nêsse sêlo figuram o retrato de Allan Kardec, um livro simbolizando «O Livro dos Espíritos», e o globo terrestre, significando a disseminação do Espiritismo em várias partes do mundo.

### Histórico

Em 18 de Abril de 1857 Allan Kardec lançou a lume a primeira edição de «O Livro dos Espíritos», fundando assim o Espiritismo, ou a Doutrina Espírita, ditada a Allan Kardec pelos Espíritos Superiores através de médiuns. O trabalho de Allan Kardec foi reunir os ensinamentos dos Espíritos em um corpo de Doutrina, a que deu o nome de Espiritismo. «O Livro dos Espíritos» é a base desse monumento, e os demais livros da Doutrina Espírita escritos por Allan Kardec, representam as suas colunas, as colunas do monumento destinado a abrigar a humanidade toda, conforme a vontade de Deus.

Juventude Espírita: Empunhemos a Bandeira do Trabalho comparecendo à X Concentração de Mocidades, em Goiânia, de 18 a 20 de Abril próximo.

---

Obras mediúnicas recebidas pelo  
médiu Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo  
Brasil, Coração do Mundo  
Parnaso de Além-Túmulo  
Cartilha da Natureza  
Cartas de uma morta  
A Caminho da Luz  
Coletâneas do Além  
Paulo e Estevão  
Pontos e Contos  
Gotas de Luz  
O Consolador  
Fonte Viva  
Pão Nosso  
Pai Nosso  
Emanuel  
Voltei  
Nosso Lar  
Luz Acima  
Libertação  
Vinha de Luz  
Volta Bocage  
Jesus no Lar  
Os Mensageiros  
Novas Mensagens  
Há Dois Mil Anos  
Missionários da Luz  
Palavras de Emmanuel  
Instruções Psicofônicas  
Entre a Terra e o Céu  
Obreiros da Vida Eterna  
Crônicas de Além-Túmulo  
Caminho, Verdade e Vida

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À  
VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»  
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

---

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

## Interpretação Sintética do Apocalipse

*Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.<sup>a</sup> edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALIPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancial, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.*

*E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.*

*— A' venda na Livraria «O Clarim».*

*Preço : cr.\$ 15,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.*

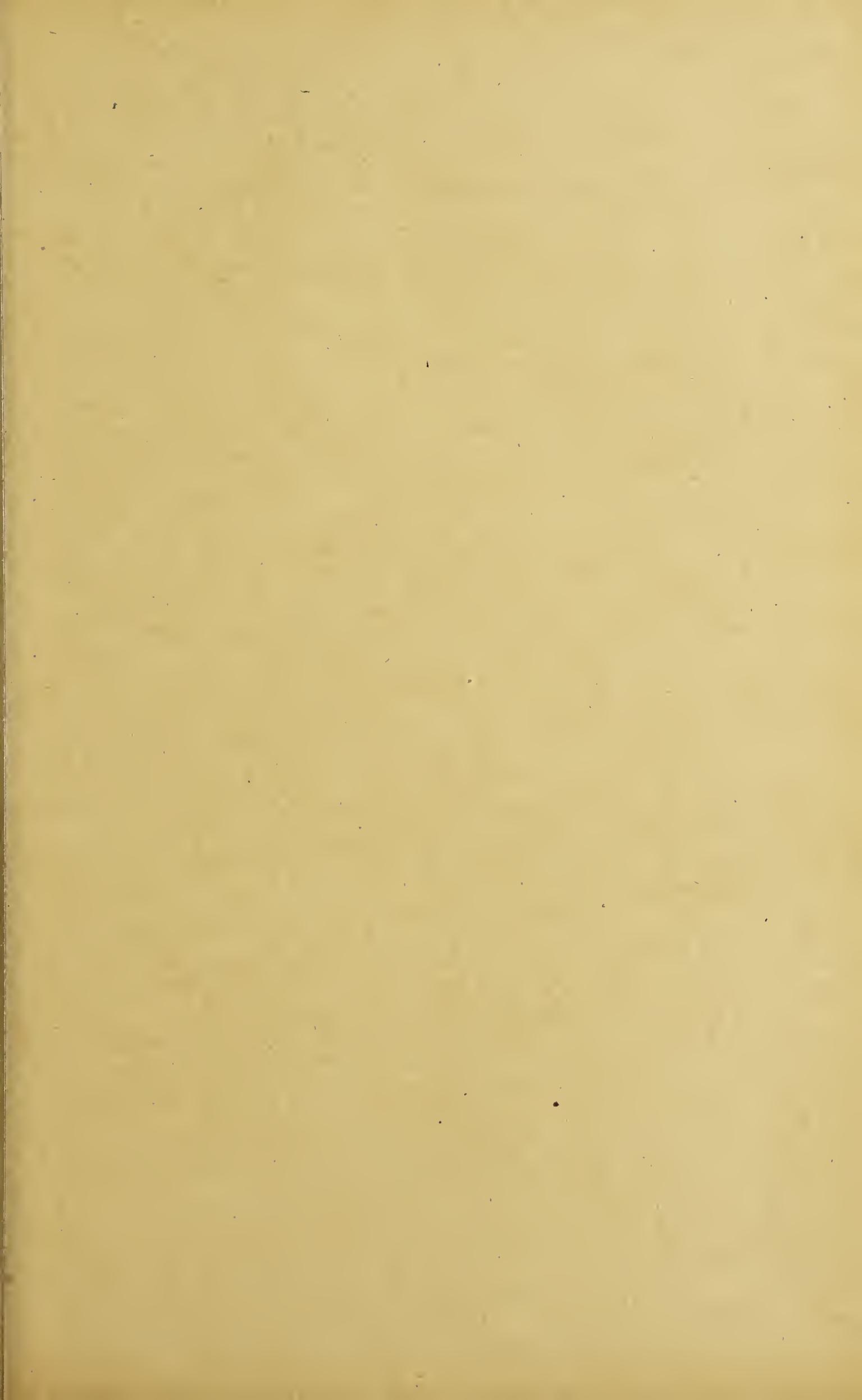
---

## O DIABO E A IGREJA Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.<sup>a</sup> edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr. \$ 15,00, inclusive porte e registro.



# Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho

Redator: A Watson Campêlo

Redação e Administração  
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

## PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.\$ 90,00
Semestre	—	„ „	50,00
Ano	—	Assinatura registrada	120,00
Semestre	—	„ „	65,00

NUMERO AVULSO CR. \$ 8,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente  
A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro



